

Conto phantastico

Srs.—Um dia o homem achou-se sob o mais sombrio dos alegres convivas: esplanto azulado do céu asiático, solitário uma criança e fallas com a ingenuidade meditativo, rodeado de mil prodígios da inexperiencia, tens ainda a candura de que elle ignorava a origem, mas que uma donzella e a formosura de um Adonis entretanto lhe pareciam destinados à sensualis, mas escuta, é um grande sonhador mando e à seu domínio. Rei pela organização, rei pela intelligencia, elle domina-me as extensões sem limites e revolvia no gueiras de uma illusão, porem mais tarde, cerebro o pensamento, que, à seu prazer, fazia alternativamente subir além das nuvens que enovelavão-lhe a fronte como uma coroa e abaixo do mar que lambia-lhe as plantas como um mastim; entretanto elle sentia-se só; rodeado de tantas maravilhas elle vivia em solidão; a natureza dera-lhe um hymno incompleto, um poema com a ultima e mais bella pagina; elle via em todos aquelles expiadores um altar erguido ao culto de um sentimento que ainda não sabia chamar amor, e à este altar faltava a divindade; até que ella surgiu enfim; Deus sorriu de lá de sua magestade e ella caiu do céu na forma de uma menina, roeu no espaço na forma de uma lagrima, surgiu no mundo na forma de uma mulher. O homem a vê á seu lado, a estreita em seus braços, e no transporte da mais viva emoção exclama:—está completa a obra da Criação, e consumou-se o amor sobre a terra.—Srs., proponho um brinde à mulher, á divindade do amor.

Uma gargalhada imensa estrugiu no interior da tasca, e os copos permanecerão imoveis sobre o balcão, a lampada quasi apagada bruxoliou uma claridade, como e quizesse rir também. Valero continua:

—Perdidos, homens sem alma e sem consciencia, desdilhaes da mulher! desdenhaes do amor! ride-vos de que a maternidade tem de mais perfeito, do que a alma tem de mais sublime!

Nova gargalhada e novo bruxolear da lampada incredula.

—Valero, (falla Genaro o mais ebrio e mais sombrio dos alegres convivas) esplanto azulado do céu asiático, solitário uma criança e fallas com a ingenuidade meditativo, rodeado de mil prodígios da inexperiencia, tens ainda a candura de que elle ignorava a origem, mas que uma donzella e a formosura de um Adonis entretanto lhe pareciam destinados à sensualis, mas escuta, é um grande sonhador mando e à seu domínio. A mulher apparece-nos aos vinte annos com uma reza e o amor como as azas fagueiras de uma illusão, porem mais tarde, quando o inverno da vida gela-nos o coração, quando sente-se o corpo inerte como um cadáver e vazio como um tumulo: quando se tem transposto estes umbraes com a realidade gelada no coração, com o scepticismo agarrado á consciencia, quando o mundo se estende deserto como um cemiterio, quando tem-se esgotado a faga onde o absinthio fuma e escaldá, em busca de uma illusão, e nem mesmo se a encontra no mundo phantasiado pelos vapores osados dos espíritos, onde tu, meu poeta, ditas que a alma dourdeja de sonho em sonho, como por entre o sudario da tempestade dourdeja a luz sulfurosa do relâmpago de nuvem em nuvem na concavidade do firmamento; oh! quando se tem prelibado todos os vinhos do deleite; quando o corpo cataleptico já não vibra ao foguete calcinante do absinthio, nem como o anumaculo de Galvani, estremece ao choque electrico de um beijo, e contra os rochedos da vida tem se roimpido a barca de todas as esperanças, de todas as illusões, a mulher surge-nos então como um espetro e o amor como uma mentira.

—E pensarás tu, Genaro, ter vivido quem na libação de todos os gozos, de todas as sensualidades, sentiu entorpecer se-lhe o espirito como o viajor nos gelos do S. Bernardo? Acaso amaste? tiveste acaso n'alma este sentimento immenso como a propria immensidade, infinito como o proprio infinito e que ainda mesmo d'alem do marmore do tumulo parece-nos falar da immortalidade?

—Ah! ah! ah! a alma! o amor! A alma, Valero, este ar subtil como o oxigenio dos chimicos evapora-se e perde-se no espaço quando o corpo estremece na ultima convulsão da vida. Não passaste a noite por um cemiterio ou por um pantano? não viste um fogo que foge tremulo das sepulturas frescas, ou das aguas apodrecidas? pois é a alma que foge ao corpo, é a «intelechia» de Aristoteles decomposta em seus elementos. O amor! E crês tu em versos d. Petrarcha? O amor é o banho de Phriné nas aguas do Eleusis, é o beijo no labio incendido de uma Aspasia, o sonno nos braços flacidos das Marcões, e, senão dize-me, porque procuras o bello para amar?

—Porque a belleza traz-nos uma ideia da divindade e o amor não é senão um vôo para Deus, a approximação do espirito para a sua Essencia.

—Qual espirito, Valero, diz antes que a belleza é a inspiração da volupia, de que se nutre o amor.

—Que ouzas dizer Genaro? negas teu proprio ser! e o pensamento, esta faísca de luz eterna que te illumina o cerebro?

Valero, a ideia, scentelha de luz como chamas, não é senão o resultado de uma combustão constante que se opera no cerebro como no ventre de uma cratera, e que, como uma lampada, bruxoleia, vacilla, e morre se lhe falta a materia que alimentava-lhe a vida.

—Mas para fallar-se assim é mister ter se uma pedra no lugar do coração.

—Sim, Valero, eu a tenho, ella sella a sepultura de minhas illusões, eu a suergerei um pouco para mostrar-te as todas mortas, escuta:

(Continua.)

• BEIJADE BEG

Parodia á poesia—Beija-flor de T. Barreto

Era uma moça sovina,
De perna comprida e fina,
Tão feia que é raro ver;
Magra, de rosto franzido,
Mostrando o roto vestido
Toda suja ao amanhecer.

Vede-a lá! —é a serpe viva!
Que bocca! A gente s'esquiva
De vel-a tão grande assim!
Seus beiços, em vez de labios,
Trazandam tão máo resabio,
Que parece um « petoim. »

E viu que todos correram,
E que os risos proromperam,
Quando ha pouco appareceu;
Nos pretos dentes raivosã
Morde a lingua vénenosa,
Que velozmente encolheu.

E entanto a lingua damnada,
Que constrata asfoguida
Do seu rosto a hidiondez,
Lambendo as espumas suas
Parece que diz—nós duas!
E a bocca emenda—nós tres!

Vai n'um andar furioso,
Quando um bizouro teimoso
Zumbir-lhe no resto vem,
Sente o bafo da donzella,
Bate então na face della,
E quer-lhe os beiços tambem.

Revolta-lhe a natureza,
Levanta o braço em defeza,
Com uma lanterna na mão ;
Vai ao bizouro raivosa...
Cai-lhe a lanterna lustrosa,
Que se esmigalha no chão.

Não sei o que a moça falla,
Que abre a bocca e então estalla,
Como o estalar d'um furor !
Vôa em cima o insectozinho,
Quer tocar com o ferrãozinho
Nos beiços da bronzea cor !

A moça que se empeçonha,
A saltar totla medonha
Procura o insecto matar;
Nesse empenho os seios ambos

Deixam ver dous murchos jambos
D'algum velhusco pomar.

Forte zanga ! zanga horrivel !
Por tal cousa é impossivel
Dizer-se o que entaõ s' deu ;
Ha factos que não se esquece
Na vida... e a mim me p' rece
Que o insectozinho venceu.

Conheço a moça sovina,
Que de raiva se amofina
Pensando n'algum thesouro,
Fica assanhada, rugindo,
Quando todos contam rindo
A historia desse bizouro.

4º, de Novembro de 1879.

• • •

Sunt lacrimae rerum

(A' memoria de T. Ottoni)

Gigante fel-o Deus ! A luz, a liberdade
Brotavam-lhe do verbo. Ao sol da Divindade
Banhara a fronte audaz, o antiste do porvir !
Era o Titão pendido a burilar na ideia
A estatua popular, tormenta que semeia
As sementes do céu ás gerações por vir !

A plaga de Colombo, a concha azul dos mares
Foi-te escabello ou berço ? a sombra dos palmares
Ou sobre a cordilheira ouviste o povo ou Deus ?
Venceste a Esphinge tu ? da creaçao na tella
Buscaste ver a luz ? d'estrella apôs estrella,
D'espaço apôs espaço acaso foste aos ceus ?

O povo viu-te, à ti, á despertar das campas
Do passado a legenda, e n'amplidão dos pampas
Entoar o canto livre, o canto dos heróes !

O passado era grande, a historia immensa, enorme
Da geração que foi-s ; e ao povo lêo que dorme
Erguesteinda a sangrar a ossada dos avós!

Adormeceste emsí ! Da terra-mãe na entranha,
Pousaste o corpo, Anteue o vento da montanha
Perpassa a soluçar um canto de dor !
Era bem cedo ainda ! E' mudo o altar da ideia,
O povo—o Christo eterno a escuridão tactea,
E busca em vão ser livre em plaga do Equador !

P'ra nós—os rebentões dos avoengos grandes,
Tão grandes como o ceu, tão grandes como os Andes,
E tua historia—sol, teu pensamento—luz !
Tribuno eras um povo ! e as multidões pasmadas
Guiava-as, qual Moysés ! na patria dos Andradadas
Tu foste o Prometheu e a vida foi-te cruz !

Ah ! dorme o sonno eterno ! O longo continente,
O monte, o oceano, o ceu em canto plangente
Cantar-te-hão na tumba o grande funeral !
Ah ! dorme o sonno eterno ! Em bronze o povo um dia
Na praça te erguerá, e extensa serrania
Servir-te-ha de base á estatua colossal !

U.V.

FOLHETIM.

Leitor.

Nada ha tão empanzinante como suppor-se humoristico um folhétinista, e roubar-vos o tempo e a paciencia com as suas sensaborias.

E' uma couza de enjoar á todo mundo; mas n'na vez que comprometti-me á aborrecer-vos aqui estou na firme intenção de conversar estiradamente com vosco.

E' uma mania como outra qualquer. Nem todos nasceram para o bom senso. Conheço um sujeito muito barrigudo, à semelhança de um touro, que deu em arremetter á gente pelos jornaes com o fim de dar expansão ao genio

maniaco com que dotou-o a natureza. Nesse empenho levanta-se muito cedo e anda batendo nas portas como um endemoniado, anunciando as suas façanhas.

Aconselho-vos, meu caro leitor, um meio muito simples para aturardes essas couzas. Muni-vos de um lenço e de uma caixa de rapé. E' um conselho prudente que me deram e que me tem aproveitado. Sorvei uma pitada, e vereis quanta philosophia não encerra ella em seus effeitos salutares. Dissipar-se-hão as vossas prevenções, e encher-vos-heis de paciencia para todos os casos de aborrecimento.

Não sabeis de uma novidade ? O palacio encantado, aquelle celebre palacio de que vos falei na minha primeira entrevista tem dado o que fazer. E como não ha de ser assim si todos

são movidos pela curiosidade de o conhecerem!

Estamos nadando como sempre em um mar de rosas; nada se diz nos periodicos com relação as cousas da província, mas em familia todos se queixam. Quantas reclamações, quantos calotes a se reproduzirem!... Ia não morrem de inanição e de fome nas estradas os infelizes retirantes! Tudo vai passando à-bien passer!

D'ahi o grande descredito em que tem cahido a politica entre nós.

E' um mysterio tudo. Só Deus sabe quando nos esclareceremos.

Não posso deixar de fallar-vos com emocioão do brillante] divertimento que teve lugar no dia 8 do cadente mez. offerecido a um amigo dedicado e um cavalheiro destiucto o Illm. Sr. Joaquim Alonso Moreira de Almeida, que no dia 13 seguiu com a sua Exma. familia para a província de Sergipe, á fim de tomar posse do cargo de inspector da respectiva thesouraria. Foi um divertimento muito concorrido e todos procuravam manifestar-lhe o prazer de que nessa occasião se achavam possuidos. Ornado de qualidades muito nobres mereceu sempre e ha de merecer em todas as sociedades a sympathia dos homens bem. Teve um digno acompanhamento e a todos deixou inexpressiveis saudades.

Fallando nas cousas do governo, fôise a eleição directa. Felizmente não estou envolvido nos acontecimentos do Estado. O paiz acha-se sobrecarregado de impostos, e o diabo é que estou sentenciado a concorrer para os esbanjamentos publicos com 5 %.

Vai tudo muito bem!

Tem havido seus assaltosinhos a noite, e a polícia a dormir que é um regalo, ou a e-preguiçar-se a espera de que lhe caiam do céo as descobertas do crime.

Tomai, leitor!... Aconselho-vos isto, tomai uma pitadinha. E' o meio de que me sirvo para serenar o espirito quando penso nessas desgracas. Tudo provem da importação de certos personagens. Ahi é que está todo o mal. Hei de erigir-lhes as estatutas nos pateos dos hospitais e em todos os lugares por onde passarem com os seus cortejos le infelicidades.

Ealla-se em cousas do Estado, mas nada pesco de politica, como ja vos lisso uma vez, e Deus me livre de intronetter-me nella. Santo Breve da Marca! tenho muito medo de malquistar-me com as Musas de quem sou idepto; e por isso,

Moito folgo de viver
Sem cuidados e afflicao,
Ou sem nunca me envolver
Em barulhos de eleição.

Ou então,

Prefiro o saibro de um beijo,
O fogo de uma paixão,
A' todo e qualquer desejo
De votar n'um figurão.

Por fallar em figurão, anda por ahí alguem muito despeitado com a lista dos deputados provinciaes para o proximo biennio de 1880 a 1881.

E' por isso, que muita gente tem ficado com o cerebro abalado. Não eu que me ponha a disposição da Santa Casa de Mizericordia.

Cuidado, leitor, anda tudo entupido e não é das melhores cousas. Pouhem ao fresco antes que me entupam também.

Vosso humilde e escabriadiissim : serv

Mephistopheles.